

Miguel Nenevé 

Universidade Federal de Rondônia

neneve@unir.br

Giselle Costa 

Universidade Federal de Rondônia

gisellecostadv@gmail.com

***Seringal* de Miguel Ferrante** **exploração do homem nos seringais da Amazônia**

Resumo:

Neste artigo exploramos a questão de violência e opressão do trabalhador da borracha nos seringais da Amazônia, visível no romance *Seringal*, do escritor Miguel Ferrante. O romance é ambientado no seringal Santa Rita, no interior da Amazônia acreana, na primeira metade do século XX. A narrativa reproduz a vida opressiva de seringueiros que trabalham para o dono do seringal, o “coronel” bem como revela o tratamento que se dá às mulheres, “objeto de desejos” de seringalista e seringueiros. Visando sempre o lucro, o dono do seringal explora e escraviza o trabalhador da seringa, tomando atitudes de violência contra seu próprio trabalhador. O romance também revela a condição sub-humana em que vive a mulher no seringal que é ainda mais colonizada e explorada que o homem seringueiro. O seringalista, todo poderoso, sente-se no direito de explorar e esturpar as mulheres indefesas. Argumentamos que o romance de Ferrante continua atual, uma vez que a violência contra a mulher e contra os trabalhadores nos dias de hoje ainda são perceptíveis. Apoiamos o trabalho em teóricos como o pensador

decolonial Anibal Quijano (2005), Frantz Fanon (1979) que escreveu sobre a relação da violência com a colonização, Samuel Benchimol (1992), pesquisador da História da exploração da borracha na Amazônia e Cristina Wolf (2001) pesquisadora brasileira que investigou casos de violência nos seringais do estado do Acre. **Palavras-chave:** Seringal, seringueiro, violência, exploração, Miguel Ferrante

Abstract:

Miguel Ferrante's *Seringal*: Human Exploitation in Amazonian Rubber Plantation

The article explores the issue of violence and oppression suffered by rubber tappers in the Amazonian rubber plantations, as depicted in Miguel Ferrante's novel *Seringal*. The novel is set in the Santa Rita rubber plantation in the interior of Acre, in the Brazilian Amazon, and reproduces the oppressed lives of rubber tappers who work for the owner referred to as the "colonel". Always aiming at "profit and more profit", he exploits and enslaves the "seringueiros", taking violent actions against the poor workers. The novel also reveals the subhuman condition of the plantation women, who are subjected to rape and other violence. Thus, the women are more deeply colonized and exploited than the men. The author argues that violence against women and workers today reflects violence in rubber plantations in the 20th century. This claim finds support in studies by scholars such as Anibal Quijano (2005), a decolonial thinker who discusses colonization and racism; Frantz Fanon (1979), who wrote about the relation between colonization and violence; Samuel Benchimol (1992), who has researched the history of rubber plantations in the Amazon; and Cristina Wolf (2001) who has investigated cases of violence in rubber plantations in the state of Acre.

Keywords: *Seringal*, rubber-tappers, violence, exploitation, Miguel Ferrante

Introdução

Cremos que reflexões sobre os seringais na Amazônia brasileira permanecem muito atuais, pois a região continua sendo palco de vários conflitos: a exploração de trabalhadores em favor da riqueza de poucos permanece viva. Além disso, a violência contra a mulher, que era objeto de consumo nos seringais, parece ainda frequente na região. A obra de Miguel Ferrante não é tão reconhecida como *A Selva*, de Ferreira de Castro (1997), mas contém vários elementos que denunciam as condições de trabalho no seringal. Contextualizado no seringal de Santa

Rita, localizado no Acre, na Amazônia ocidental brasileira, a obra apresenta como cenário um seringal no “segundo ciclo da borracha”.

Nota-se um forte controle do patrão sobre um território do seringal e tudo o que acontece nele. Neste contexto, propomos discutir o romance de Miguel Ferrante, focalizando o cenário de violência e exploração do ser humano. O livro foi escrito em 1963 e, como afirmam os professores acreanos Laélia Rodrigues e Henrique Silvestre, no prefácio da edição de 2003, apresenta “o drama humano de quem se arrisca a viver nesse mundo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante da gente” (Ferrante, 2009: 9). Em vários aspectos o romance está próximo de nós, amazônicos, principalmente, quando denuncia violências contra povos da floresta.

O romance situa-se, portanto, no período do segundo ciclo ou do “novo boom” da borracha motivado pela Segunda Guerra Mundial¹. Os países aliados necessitavam da borracha da Amazônia, uma vez que não poderiam comprar da Malásia. A aliança entre Brasil e Estados Unidos apontava claramente para o interesse que este país tinha pela borracha brasileira. Assim, os dois países fizeram uma aliança formal denominada o Acordo de Washington, em março de 1942. Foi justamente nesse mesmo ano que uma grande seca castigava o nordeste brasileiro, desse modo, o governo começaria a migração de nordestinos para a Amazônia. Getúlio Vargas, o presidente da época, recrutou mais ou menos trinta mil “soldados da borracha”.

Samuel Benchimol, em sua obra *O romance da batalha da borracha* (1992), nos informa que a migração de nordestinos para a Batalha da Borracha “se desenvolveu no decorrer de 1941–1942 e início de 1943, à moda tradicional com os flagelados e retirantes nordestinos, tangidos pela seca e ou atraídos pela seringa, em busca da Amazônia e seus altos rios” (Benchimol, 1992: 227).

¹ Não há consenso entre historiadores a respeito do período exato dos ciclos da exploração da borracha, por isso, optamos por seguir o que sugere Samuel Benchimol: 1850 a 1915 – I “Batalha da Borracha”; 1942 a 1945 – II “Batalha da Borracha”. Mais ou menos nesse período de tempo é que é situado *Seringal*.

As péssimas condições dadas aos trabalhadores chocavam os observadores na época; a maioria dos seringueiros era analfabeto e não lia o contrato que assinava com o seringalista. Assim, os seringueiros viviam na escravidão, como afirmam hoje ainda filhos dos “soldados da borracha.” A pesquisadora Cristina Scheibe Woff relaciona a violência nos seringais com a violência contra as mulheres nos dias de hoje:

A violência não se dava em mão única, não estava estabelecida em um tipo de relação do patrão para o seringueiro, por exemplo. Ela circulava entre as relações, uma espécie de linguagem que muitos usavam e assumia diversas formas. Mas o que pude identificar é que ela quase sempre tinha também um caráter de gênero, especialmente vinculada à masculinidade. (Wolf, 2011: 36).

Com estas considerações, podemos adentrar na narrativa para fazermos uma leitura com atenção voltada para questões sociais em um seringal da Amazônia brasileira na primeira metade do século XX.

O Seringal, de Miguel Ferrante

Miguel Ferrante escreveu *O Seringal*, em 1963, mas publicou a obra somente em 1972, período em que a América Latina e o Brasil, especificamente, enfrentavam momentos de intensas transformações políticas e culturais que se estenderiam até os anos 70 e 80.

A partir de 1964, com o golpe militar de 31 de março, o Brasil passou a viver um período de ditadura militar que se estenderia até 1985. Nesse período, as cidades inchavam cada vez mais com a migração das famílias provenientes de regiões agrárias, sobretudo, do norte e do nordeste. O momento de turbulência era disfarçado com as alegrias do futebol (campeão mundial nos anos de 1958, 1962 e 1970). No período conhecido como “anos de chumbo” (mais especificamente entre 1969–1974), a atmosfera política era deprimente e motivava a arte de resistência perceptível nas canções, nas composições e nos textos literários. O “Tropicalismo”, movimento musical que contava com nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento e outros compositores como Belchior, aproximava a música da literatura.

Olhando mais especificamente para literatura podemos citar o livro de Érico Veríssimo, *Incidente em Antares* (1971) e obras de Jorge Amado, como *Tenda dos Milagres* (1969) que apresentavam denúncias dos problemas sociais brasileiros, tais como questões étnicas, disparidades sociais e econômicas.

Esteticamente falando, por um lado, dentro de um contexto modernista, a linguagem tendeu cada vez mais à concisão e à fragmentação, muitas vezes, retratando o linguajar das personagens em seu contexto. Por outro lado, é necessário mencionar que a literatura da Amazônia nem sempre seguiu os movimentos literários do sudeste brasileiro. Talvez, podemos afirmar que há nos romances amazônicos influência do naturalismo com o homem envolvido pela violência e se comportando de acordo com seus instintos naturais, dando surgimento a passagens de violência, volúpia, avareza, que resultam em mortes e tortura. A influência do modernismo pode ser vista na maneira de reproduzir o linguajar do povo simples, bruto ou sem educação formal.

A prosa da Amazônia quando apresenta texto de cunho político retrata a violência e a repressão que também vive o país desde 1964. Além de satirizar a corrupção que assola o homem que tem poder, como é o caso do dono do seringal, revela discórdia, desigualdade social e opressão, que não deixam de ter cunho racial na Amazônia.

Segundo o pensador peruano Aníbal Quijano (2005), a construção racial está relacionada com a divisão social do trabalho na América colonizada: índios e negros, na condição de inferiores, foram submetidos ao regime de servidão e escravidão. O trabalho forçado e exaustivo, que é percebido nos seringais, é reflexo de uma atitude colonialista na América, responsável por genocídios entre indígenas e outros não brancos. No texto “¡Qué tal raza!” (Quijano, 2000), Quijano sustenta que o colonizador europeu ao se posicionar como berço geocultural e hegemônico do capitalismo conseguiu impor a ideia de “raça” na base da divisão mundial de trabalho (p. 199).

Esse processo se reflete na obra de Miguel Ferrante ao revelar a suposta “inferioridade” do mundo de Toinho, um caboclo inferiorizado

que mesmo antes de ir ao seringal para se sujeitar às ordens do seu “padrinho” e patrão, que vive num “inferno”. Aquela ideia de “inferno verde” persiste, mesmo num texto de um escritor amazônida:

Toinho, antes de vir para o Barracão, nunca tomara leite de gado. Recorda os longos dias de internada. As chuvas torrenciais caindo sem parar, horas e horas, alagando a mata, encharcando os varadouros. A proliferação do piúm e do carapanã. O inferno dos igapós nas lombadas das enchentes. A floresta diabolicamente verde, exuberante, estuante de seiva, avançando dominadora, enfurecida sobre a barraca (Ferrante, 2007: 30).

A obra de Ferrante descreve o cotidiano do seringal, como “o paraíso de muito poucos e o inferno de muitos”, desde a extração da seiva até o momento da fabricação da borracha. O seringal Santa Rita é o principal cenário das histórias comoventes que encerram o secular martírio do colono acreano, martírio que se repete em outras centenas de barracões, onde impera a “tirania dos donos de seringais” (Ferrante, 2007: 10). As cenas apresentam um ciclo de violências impostas pelo seringalista para garantir sua posição de dominador.

Toinho, um órfão que deixa o “inferno da selva”, chega ainda adolescente à sede do seringal Santa Rita, onde viverá outro inferno: o da opressão, da injustiça e da maldade. A opressão e a violência no seringal revelam um naturalismo em que o homem mais forte leva vantagem sobre o mais fraco, o sujeito que veio da floresta, o nativo. Quando a personagem Paula, menina de apenas 12 anos, namorada de Toinho, é estuprada por Carlinhos, filho do prefeito e afilhado do coronel, ela passa a conhecer um universo de crueldades que nem sabe como evitar ou lutar contra. Além disso, é possível ver o estado de submissão de Toinho, como um estado de escravidão:

Trabalhava como um animal, dia e noite, percorrendo estradas de seringueiras, cortando árvores, colhendo leite, sentado à borda do defumador, ou quebrando os ouriços de castanha. Privara-se de muitas das poucas coisas de sua vida. Mas o pequeno saldo em mãos do patrão logo desaparecia numa doença, na compra de remédios, de uma rede, de um pedaço de pano (Ferrante, 2007: 23).

Neste cenário marcado pela representação da força do discurso dominador ou do colonizador que vem para a Amazônia para tirar lucro, o leitor percebe a violência como instrumento de poder e de controle de seus “bens”. Assim viviam os homens que serviam ao coronel da borracha:

Morrera-lhe a mulher. O filho foi crescendo, raquítico, enfezado. Os anos e as moléstias foram enterrando o sonho, quebrando-lhe a vontade [...]. E foi ficando. Envelhecendo, quase cego pela fumaça do urucuri, no trato diário do defumador. [...] O peito apertado por uma angústia sufocante, e o fígado inchado. Caminhava curvado sob as dores que lhes torturavam as entranhas (Ferrante, 2007: 23).

Nesse aspecto, podemos afirmar que a obra de Ferrante reflete o conceito de Franz Fanon (1979) sobre a violência, o combustível que impulsiona a engrenagem colonial, vivenciada no plano físico e mental. “É uma violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior” (Fanon, 1979: 46).

A personagem Toinho está bem inserida neste mundo de violência do qual parece não poder sair:

Agora, Toinho tem dezesseis anos. Já é homem. Breve estará numa “colocação”, indo e vindo toda vida pela mesma exígua trilha de seringa, no ergástulo desalentador da mata, colhendo e defumando o látex para o coronel Fábio Alencar, até lhe fraquejarem as pernas, as doenças lhe minarem o organismo, a fumaça do urucuri lhe cegar os olhos. E morrer um dia como viveu, anonimamente, esquecido dos deuses e dos homens (Ferrante, 2007: 21).

O protagonista que já vivia em uma “colocação”², com a morte de seu pai, morando agora sob o teto de seu padrinho, coronel Fábio Alencar, passa a conhecer um universo marcado por violências frente a uma paisagem agressiva que tonifica as angústias vivenciadas no seringal. “Há na paisagem parada um tom de cinza de desolação e de

² Colocação – improvisada habitação, edificada na mata, feita de madeira e coberta de palha para abrigar o seringueiro e sua família.

angústia. O ar imobilizado. Nem uma asa, a mais ligeira brisa. Tudo estático, a morrer brutalizado pelo calor asfixiante, sob a cúpula do céu” (Ferrante, 2007: 13).

Ferrante (2007) descreve o ambiente do seringal como “o inferno dos igapós nas lombadas das enchentes. A floresta diabolicamente verde, exuberante, estuante de seiva, avançando dominadora, enfurecida sobre a barraca” (Ferrante, 2007: 23). A natureza é descrita com características de angústia, autoridade, relacionada com a perpetuação da vida miserável do seringueiro que finda em uma morte sofrida e sem dignidade.

O leitor percebe na narrativa traços do naturalismo quando o mais forte impõe violência sobre o mais fraco. O dominador atende aos seus desejos e instintos buscando sempre a vantagem sobre os trabalhadores. Assim, a violência se manifesta pelo instinto colonizador que brutaliza o ser humano e provoca temor nas vítimas. Toinho manifesta este temor pela primeira vez, quando é apresentado ao seu padrinho, o dono do seringal, coronel Fábio Alencar:

Toinho, encabulado, medroso, os olhos postos no sapato de seringa, pediu a benção. [...] O garoto permaneceu imóvel, perdido na confusão de estranho temor. [...] Ergueu a mão em gesto de súplice, apalermado, lutando em vão para libertar as palavras estranguladas na garganta, enquanto se afastava como um autômato (Ferrante, 2007: 17–18).

A violência no seringal Santa Rita está refletida na arma de fogo que era o instrumento que valia tanto para punir os ditos transgressores, como para demonstrar o poder de mando. “O rifle era, então, o símbolo da autoridade. Não havia lugar para piedade, para transigência. [...] Os fracos ou sucumbiam ou dobravam-se, servilmente, à lei do forte. Não havia alternativa” (Ferrante, 2007: 38).

Dona Clara, esposa do coronel, quer construir uma escola para as crianças do seringal, e depois de tanta insistência obteve a aprovação de seu marido e, em seguida, efetiva a construção do barracão para receber os alunos e a professora. A metodologia utilizada pela professora contava com a ação da palmatória, instrumento de punição para os erros cometidos pelos alunos na avaliação da lição do dia, bem

como, para os gritos e castigos físicos que, somados à dificuldade enfrentada pelo caminho mata adentro, foram desanimando a disposição das crianças:

No começo, fora aquele alvoroço, aquela sofreguidão em chegar logo à escola. Cedo, porém, morrera-lhes o entusiasmo. Vão agora às aulas sob ameaças dos pais. Temerosos e relutantes, encompridando caminho como a retardar um castigo (Ferrante, 2007: 39).

Entre as violências vivenciadas por Toinho, destacamos o caso de Paula que vai aos poucos definhando como resultado do estupro ocorrido, sem a assistência médica adequada para tratar o trauma, conforme indicou o Padre José em visita solicitada pelo garoto. Isso leva o protagonista a questionar sobre as injustiças e violências cometidas naquele mundo e o entendimento que tinha sobre a figura do coronel frente ao seringal, como um líder que mantinha a justiça, vai ruindo aos poucos. Toinho sofre ao perceber as injustiças no seringal, sempre franqueadas pela violência.

A influência naturalista na obra de Ferrante se revela por meio do sangue, dos desejos sexuais e do suor dos trabalhadores. Um exemplo é o duplo assassinato entre os seringueiros Chico Xavier e Clemente, motivados pela disputa de uma mulher. O resultado foi a morte à queima-roupa de um seringueiro e outra morte como punição ao seringueiro assassino, esta última permitida pelo coronel. Neste momento, Toinho encontra-se confuso entre as ideias de justiça e violência que lhe são expostas, busca em seu amigo Mané Lopes, seringueiro antigo de Santa Rita, esclarecimentos para a celeuma e encontra palavras de submissão servil às ordens do coronel, reproduzindo a valoração ao discurso colonizador e o tolher de pensamentos que questionam os comandos do dono do seringal e que correspondem à justiça daquele lugar. Tudo isso deixa Toinho mais deslocado e em tensão contínua:

O coração perturbado com as emoções contraditórias, o pensamento teimando em se apartar da reza que os lábios proferem e ele a puxá-lo, a trazê-lo de volta, tentando concentrar-se, a fitar ansiosamente o crucifixo.

E horrorizado, pressente que aquela “coisa” vai se apossando dele. [...] Uma angústia cavando-lhe o peito, a cabeça pesada, os contornos se esbatendo, as cores se confundindo (Ferrante, 2007: 105).

O sentimento de temor do seringueiro se manifesta toda vez que o coronel aparece. “Toinho tremia todo diante dele. Era sempre assim quando tinha de falar-lhe. Jamais conseguira dominar o medo que o padrinho lhe inspirava” (p. 135). Toinho sente-se escravo do coronel e tem ideias para fugir desta realidade e buscar um novo destino. O coronel não aprova os planos de Toinho e questiona:

Ir pra onde? Você nasceu aqui e aqui terá de viver. Este é seu mundo. O nosso mundo. O meu, o seu, o de Raimundão. De todos. Estamos presos à terra, somos parte dela. Compreendeu? [...] “Você precisa é trabalhar para acabar com essas ideias malucas. Vou dar-lhe uma ‘colocação’ (Ferrante, 2007: 136).

Toinho mantém os temores referentes àquele destino determinado pelo padrinho, como se ao concordar com o que lhe foi imposto significasse aceitar todas as violências e injustiças presenciadas e vividas pelo protagonista:

O menino parece um animal acuado, perdido na aflição, como se alguma coisa quebrasse dentro dele e a mente se esfarelasse nas engrenagens do pavor. Uma vontade desvairada de gritar, de lançar-se às águas brilhantes do Aquiri, de desaparecer. E os sentidos turvados, semiconscientes, prendê-lo aos farrapos da realidade, a adverti-lo do perigo, a impeli-lo em busca de auxílio (Ferrante, 2007: 141).

Esse sentimento provocou no personagem uma certa dose de revolta que fora alimentada pela representação de dominação na figura do seu padrinho e que agora com maior clareza de suas amarras, tentava desvencilhar-se.

Ao chegar o dia de sua despedida, Toinho sente o temor transformado em sentimento de revolta ao ver o coronel com “uma expressão repousada de tranquila segurança, o olhar firme e dominador” (Ferrante, 2007: 159). E naquele instante, como forma de libertar-se do temor

gerado pelo histórico de violências que a figura do coronel representava e, de posse da arma de fogo, Toinho atinge o coronel com um tiro, fugindo depois em disparada, em direção da mata:

Do fundo do passado, emergiram vozes monótonas dos seringueiros, entoando o bendito dos mortos no enterro do pai. A rede balouçando ao ritmo cadenciado dos passos dos carregadores. O som cavo da terra caindo sobre o corpo sepultado sem o caixão. Os olhos de Paula a fitá-lo, verdes e mansos, por entre as sombras da morte. [...] E a visão perturbadora de Chico Xavier, amarrado ao mourão, as bocas das feridas proferindo palavras de sangue... Preso no emaranhado das ideias torturantes, sentia-se como um cão que a onça persegue (Ferrante, 2007: 162).

A reação súbita empreendida pelo protagonista refletiu o desejo de revolta àquela opressão vivenciada. Durante a fuga, foi-lhe apresentada uma liberdade momentânea que permitiu gozar de um estado de paz, superando os temores causados pela vida de violência. “Os olhos já não viam a terra sepultada em trevas. Os ouvidos já não ouviam as vozes raivosas que se aproximavam. Só, diante de si mesmo, sentiu-se invadido por uma quietude imensa, o coração libertado das correntes do medo, despojado das angústias. Toinho recorreu ao poder referendado pela arma de fogo, e esta decisão oportunizou, mesmo que de forma momentânea, a liberdade que pensava almejar (163).

Considerações Finais

Embora haja muitos estudos sobre obras voltadas para seringais e seringueiros, consideramos que ainda é de suma importância trazer para nossas discussões mais estudos e investigações. Como expusemos no início deste trabalho, a exploração de trabalhadores e a escravidão ainda estão presentes na Amazônia. Por trás do desejo do lucro de poucos e o sofrimento de um grande número de trabalhadores, que vivem na pele a humilhação de trabalhar sem ter uma perspectiva de melhora, há sempre um discurso que fala em progresso e em desenvolvimento da Amazônia.

Trazer para discussão uma obra menos explorada como é o caso de *Seringal*, de Miguel Ferrante, também nos auxilia a percebermos mais a literatura produzida em nosso meio. A literatura produzida na Amazônia nem sempre seguiu o mesmo modelo do centro do Brasil, ou do Sudeste que de certa forma orienta os movimentos culturais brasileiros.

No centenário da Semana da Arte Moderna, trazer um romance da terceira fase do modernismo, com influências do naturalismo e de outras tendências, parece ser relevante e necessário, principalmente, para quem vive nesta região. Podemos afirmar que como no tempo retratado na obra *O Seringal*, a Amazônia de hoje ainda é um mundo dividido em dois: de um lado aqueles que vêm para cá unicamente para explorar suas riquezas e do outro, o nativo ou o trabalhador pobre, como o seringueiro, com todas as suas tribulações. As violências coloniais são revividas de outras formas nos garimpos, na exploração da madeira, na apropriação de bens que deveriam ser de um povo ou de uma nação e não de um indivíduo.

Por fim, argumentamos que a narrativa de Ferrante apresenta as violências geradas pelo discurso e pelas atitudes do colonizador, podendo ser bem abordadas com o auxílio das teorias pós-coloniais e decoloniais que nos convidam a perceber que na Amazônia os colonizadores vêm com a intenção de produzir “lucro e mais lucro” independente da necessidade ou não de se utilizar o outro como escravo.

Referências bibliográficas

- BENCHIMOL, S. (1992), *Romanceiro da Batalha da Borracha*, Imprensa Oficial, Manaus.
- CASTRO, F. de. (1997), *A Selva*, Guimarães, Lisboa, 37 ed.
- FANON, F., (1979), *Os condenados da Terra*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- FERRANTE, M. J. (2007), *Seringal*, Globo, São Paulo.
- QUIJANO, A. (2005), “Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina” em: Lander, E. (org.), *A colonialidade do saber. Eurocentrismo*

e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas, Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires.

QUIJANO, A. (2000), “¡Qué tal raza!”, *Revista del CESLA*, 1 (1), p. 199.

WOLF, C. (2011), “Mulheres da Floresta. Outras tantas histórias”, *Revista Estudos Amazônicos*, 6 (1), p. 21–40.